

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM INICIATIVAS UNIVERSITÁRIAS: CAMINHOS E CAMINHADAS

MARIANA TAVARES LAFOLGA¹; ANA ELÍSIA DA COSTA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – *marianalafolga@gmail.com*

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul– *ana_elisia_costa@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação patrimonial no Brasil vem sofrendo profundas transformações (Scifone, 2021; Chauí, 2021). Seguindo orientações do “Guia Básico da Educação Patrimonial” (IPHAN, 1999), até então, o patrimônio era tomado como algo fixo e datado e suas abordagens educativas obedeciam lógicas conteudistas e hierárquicas, ou seja, centradas na transmissão de conhecimento especializado e no saber-poder do professor-pesquisador. A partir de discussões sobre democratização da cultura e de pedagogias crítico-emancipatórias, passou-se a tratar o patrimônio como uma construção em constante transformação e eleita a partir de laços afetivos e sociais de cada realidade, sendo a sua identificação e preservação promovida por abordagens educativas, participativas e comprometidas com a transformação social.

Em paralelo a isso, nas universidades brasileiras emergiram grupos de ensino-pesquisa-extensão dedicados à educação patrimonial. Esses, geralmente, são interdisciplinares e anunciam bases pedagógico-ideológicas em sintonia com as novas perspectivas do patrimônio e das ações educativas sobre ele. Entre enunciados e práticas, contudo, parte-se do pressuposto de que pode haver naturais contradições inerentes à sedimentação dos modos tradicionais de ensinar-aprender.

Diante disso, questiona-se: Em suas práticas, essas universidades superam a simples transmissão de conhecimento e promovem de fato atividades reflexivas e inclusivas que incentivem o engajamento dos participantes na defesa do patrimônio? Quais são suas práticas e como operam?

A partir desses questionamentos, o trabalho objetiva refletir sobre a natureza dessas práticas acadêmicas, com vistas a identificar abordagens tradicionais e inovadoras de interação e de engajamento no patrimônio cultural.

A pesquisa se justifica por contribuir para o debate acadêmico sobre o tema, apresentando um panorama atual, bem como por poder subsidiar uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Intitulada provisoriamente como “Educação Patrimonial e Universidades Brasileiras: caminhos e descaminhos”, essa pesquisa toma como estudo de casos dois projetos universitários de educação patrimonial que, entre suas práticas, promovem caminhadas coletivas.

Dado a isso, o presente trabalho dedica especial atenção às caminhadas como práticas educativas. Parte-se do princípio de que caminhadas - quando não reduzidas à condução a um destino, mas como meio de conhecer o “mundo lá fora” (Ingold, 2015) ou quando articuladas como “aulas-passeio” (Augustil, 2021) - possuem um grande potencial educativo. Elas aguçam a observação e estimulam trocas de percepções-reflexões e de saberes, permitindo uma construção de conhecimentos sobre a realidade coletiva e crítica.

Para alcançar os objetivos do trabalho, foi realizada uma revisão sistemática de literatura e pesquisas bibliográficas, utilizando bases de pesquisa como CAPES, REPEP e Google. Essa pesquisa permitiu identificar doze projetos universitários, destacando-se oito que fazem uso de diferentes abordagens da caminhada como prática de educação patrimonial.

A análise dessas experiências indica que caminhadas promovidas como “eventos isolados” ou “programas pré e pós o caminhar”, sustentam diferentes dimensões, podendo ser mais informativas ou crítico-reflexivas. Destaca-se na modalidade de programas que as caminhadas se associam a outras práticas que, por exigirem a participação ativa dos envolvidos, aumentam o potencial de ressignificação do patrimônio.

2. METODOLOGIA

A pesquisa no banco de dados da CAPES utilizou as palavras-chave “educação patrimonial” e “inventário participativo” e resultou em apenas três projetos de diferentes universidades. Diante desse número limitado, ampliou-se a investigação consultando bases da Rede de Pesquisa em Educação Patrimonial (REPEP), fortemente vinculada à Universidade de São Paulo (USP), e do Google.

Na base da REPEP, foram identificados seis projetos. Cinco destes pertenciam ao Centro de Preservação Cultural Casa Dona Yayá, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP; e um está ligado ao Departamento de Geografia da mesma universidade. A busca no Google, por sua vez, revelou três projetos: dois ligados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Do total de doze projetos encontrados, quatro foram excluídos da análise, por não explorarem caminhadas como práticas educativas ou carecerem de documentação detalhada para a análise proposta. Os oito projetos restantes serão apresentados e analisados no contexto da própria discussão. Essa se detém aos formatos de suas práticas, já que, por falta de dados, é impossível mensurar resultados efetivos quanto à ressignificação do patrimônio cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos projetos revela práticas de caminhadas distintas que, de modo geral, podem ser agrupadas em “eventos isolados” e em “programas pré e pós o caminhar”. A qualidade da ação educativa nessas ações depende das relações dialógicas construídas em seu interior. Entende-se, contudo, que a segunda modalidade tende a assumir mais um caráter crítico-reflexivo, já que, ao se alargarem no tempo-espaço, ampliam oportunidades de reflexão e ação.

Quatro projetos ilustram a modalidade “eventos isolados”. O “Rota dos Murais” (Carneiro, 2022), da UFSM, se resume a instrumentalizar uma caminhada com um aplicativo que informa dados sobre os murais em estudo. Com práticas em campo, estão os projetos “Caminhos Operários” (UFRGS, 2024) e “Caminhos da Ditadura em Porto Alegre” (Fialho, 2023) - ambos da UFRGS - e o “Caminho Fabril” (Nery; Ferreira, 2023), da UFPEL. Esses versam sobre um acervo pré-determinado e sugerem um cunho mais informativo, limitando o potencial de uma participação ativa e de um aprendizado coletivo e reflexivo. O “Caminhos da Ditadura em Porto Alegre” merece distinção por envolver na caminhada pessoas afetadas pela repressão, o que aumenta o potencial de sensibilização e reflexão durante o próprio evento. Importa observar que esses projetos promovem ações paralelas às

caminhas que, apesar de relevantes, não configuram uma proposta pedagógica única.

Ilustram a segunda modalidade de caminhadas os projetos da USP "Educação Patrimonial" (Faraco; Vizioli, 2023), "Itinerários Urbanos" (Fernandes, 2016), "Bixiga em Artes e Ofício" (USP, 2012) e o "Trafegar pelos Rios do Bixiga" (Fernandes et al., 2014,). Os três primeiros enlaçam a caminhada a atividades pré e pós evento; e o último, apesar de não explorar o pós-caminhada, se destaca pelas interações prévias que promove.

De modo geral, o pré-caminhada dedica-se à sensibilização e/ou provocação; a caminhada, à promoção de uma experiência imersiva e reflexiva; e o pós-caminhada, à construção de uma síntese ou aprofundamento do aprendizado. Em cada uma dessas etapas, a comunicação-ressignificação do patrimônio é mediada por práticas inovadoras e criativas que buscam se adaptar a contingências do projeto e que desafiam abordagens tradicionais.

Sem desmerecer aulas e seminários convencionais, normalmente moldados como simples "transmissão de saber", os **pré-eventos** exploram a emergência de um sensível, como evidenciam partilhas de fotos pessoais e de memórias ("Educação Patrimonial" e "Itinerários Urbanos"), exibição de filmes e oficinas de cocriação ("Trafegar pelos Rios do Bixiga"), e oficinas diversas ("Bixiga em Artes e Ofício").

Nas **caminhadas**, é tensionada a sua concepção de evento linear conduzido por um "sabedor". Por vezes, são previstos momentos de partilha e de silêncios introspectivos ("Itinerários Urbanos"); outras, abrem espaço para que cada participante eleja seus "bens" ("Educação Patrimonial" e "Bixiga em Artes e Ofício") ou para que, em grupo, se colete fragmentos materiais e imateriais que no pós-oficina são explorados em um evento ou produto coletivo. ("Trafegar pelos Rios do Bixiga")

Assim, nos **pós-caminhadas**, as tradicionais rodas de conversas se somam a práticas como intervenções urbanas ("Educação Patrimonial"), cartografias coletivas ("Itinerários Urbanos") e exposições participativas ("Bixiga em Artes e Ofício").

4. CONCLUSÕES

A análise desenvolvida permite depreender a existência de distintas práticas de educação patrimonial nas universidades brasileiras. Observa-se que essas, ao envolverem caminhadas, assumem abordagens de caráter mais informativo - desenvolvidas de forma conteudística e hierarquizada -; ou são mais comunicativas-reflexivas - instauradas desde o protagonismo ativo dos envolvidos e da colaboração entre eles -. No segundo caso, destacam-se propostas inovadoras e criativas que, por exemplo, associam a caminhada a intervenções artísticas e cartografias coletivas. Essas, ao medirem a ação educativa ao longo de um tempo alargado, potencialmente ampliam processos reflexivos e engajamentos relativos aos contextos estudados e ao seu patrimônio.

A principal contribuição deste trabalho está na ênfase dada à prática das caminhadas, ressaltando a necessidade de aprimorar suas metodologias para fomentar uma educação patrimonial efetivamente transformadora de realidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

